

A história do Largo das Andorinhas

O Largo das Andorinhas tem uma história, assim como os monumentos que lá estiveram também têm. O nome não veio ao acaso e os monumentos acabaram representando muito para a cidade.

Revendo a história, tivemos até 1911, nesse local, um mercado que ficou famoso nas páginas escritas por Rui Barbosa que, àquela época, se surpreendeu tal o número de andorinhas que às tardinhas de verão pousavam no telhado do prédio. Von Ilhering, um naturalista dos mais observadores, contou certa vez mais de trinta mil andorinhas pousadas nos barotes do teto do velho mercado.

A praça, que ficava em frente ao mercado, chamava-se Heitor Penteado e, em 1911, passou a ser chamada Praça da Casa das Andorinhas. Quando essa casa foi demolida, por ironia do destino, a cidade ficou sem as andorinhas, que debandaram para a região de Ibitinga. Em 1938 o largo passa por uma remodelação, ficando com um espelho de água e alguns canteiros. Segundo uma antiga idéia de Charles Victor, o plano arquitetônico de Renato Righeto inclui um monumento que foi

O Jornal de Domingo, que há alguns anos vinha atendendo à Rua Prefeito Passos, 163, no bairro do Guanabara, agora tem novo endereço: está no Largo das Andorinhas, 19.

Monumento é uma derivação latina que significa lembrança, assim, o Jornal de Domingo vai fazer lembrar o Largo das Andorinhas e este vai lembrar o Jornal de Domingo. Nosso jornal, que há tempos presta informações e entretenimento ao público campineiro, é o novo marco insígnio e histórico, um baluarte monumental do Largo das Andorinhas. Fica um convite a todos que anunciam e lêem nosso jornal para que nos façam uma visita.

executado por Léllo Coluccini.

O Monumento das Andorinhas

O monumento representa um grupo de andorinhas em pleno vôo, feito em bronze sobre uma base de granito rosa, picado. Ficou pronto em 1957, não tendo havido inauguração oficial (alguns tomam as solenidades de 6 de junho de 1961 como inauguração). O monumento custou à Prefeitura cerca de 250 contos.

Hoje o Largo das Andorinhas tem um outro monumento (o Monumento do Bicentenário da Cidade) e o Monumento das Andorinhas foi deslocado para o jardim do Palácio dos Jequitibás, diante do Museu de Arte Contemporânea.

O atual monumento do Largo das Andorinhas

O largo foi remodelado por ocasião do bicentenário da cidade e, assim, o monumento foi criado com base em dois elementos funda-

mentais: o número dois, alusivo ao bicentenário, e o crescimento urbano da cidade nos últimos anos. Esses elementos explicam a peça básica da obra, executada em concreto aparente, com 28 metros de altura e 7 de largura. Em sua parte frontal, saindo da base, a figura de mulher em bronze, com 4 metros de altura, segurando o brasão de Campinas e com uma área vazada em forma de coração, no peito. Essa figura representa a "Princesa d'Oeste", que tem o coração aberto a quantos procurarem a cidade.

O pilar básico possui a data da fundação e, em seu cimo, a data de seu bicentenário (1974). Concebido com arte, o monumento, apesar das amplas dimensões, possui leveza e finura de estilo, constituindo-se numa das mais modernas obras de arte pública da cidade.

O criador dos monumentos

Tanto o antigo

como o atual monumento do Largo das Andorinhas foram executados pelo escultor Léllo Coluccini, que em 1961 acabou por receber o título de "Cidadão Campineiro" e, em 1974 foram adquiridas pela Prefeitura Municipal de Campinas o monumento de comemoração ao bicentenário e a águia que foi erguida no frontispício da Academia Campinense de Letras.

Léllo Coluccini nasceu em Valdica-tello — província italiana — e chegou ao Brasil com um ano de idade indo residir na cidade de São Paulo, vindo a seguir para Campinas, onde mantém residência até os dias atuais. Chegando à cidade, o seu pai fundou a marmoraria "Irmãos Coluccini". Léllo teve suas primeiras lições de desenho na Loja Maçônica Independente, com a professora Thereza Marcílio. Aos oito anos de idade, fez seu primeiro trabalho em gesso, o qual intitua-

lou "Ecce Homo" (Cristo). A partir da crítica favorável ao seu primeiro trabalho, seu pai resolve mandá-lo a estudos na Itália.

Estudou na Régia Scuola Professionale "Stagio Stagi", em Pietragsanta, na Academia de Artes de Carrara e na Escola Gabriele D'Annunzio, dentro do Instituto Cultural Ítalo-Brasileiro, onde acabou professor. Além do título de "Cidadão Campineiro", recebido em 1961, recebeu muitos outros prêmios e diplomas e seu nome é lembrado nas enciclopédias Delta Larousse e Britânica.

Segundo Léa Ziggiatti Monteiro, que vem elaborando trabalhos referentes à obra e vida do escultor "é fácil, muito fácil encontrar o 'homem' Léllo na força comunicativa que se exprime na economia de linhas, com que o escultor, num simples traço, revela a sua emoção criativa".

Nosso novo endereço

